

## Escola de Belas Artes: o Perfil de uma Época

*Celia Azevedo*

Ela manteve-se desde sua fundação até os dias atuais, na luta incessante em defesa dos seus ideais mesmo diante das sérias dificuldades financeiras e estruturais, conseguindo, através de uma realidade culturalmente atuante de seus fundadores e os que lhes sucederam, deixar de ser uma aventura cultural para buscar na vontade de construir, construindo no sentido estético e psicológico o seu solo, seu espaço de resistência.

A fundação da Escola de Belas Artes da Bahia em 17 de dezembro de 1877, surge em consequência da implantação de todo um clima que serviu de estímulo à sua criação, da aspiração de toda uma comunidade de construir na sede administrativa da colônia, uma Universidade, aspiração esta oriunda do esforço coletivo de uma vontade de ordem e construção presente nas solicitações de seus

jesuítas, nas pretensões da Câmara de Salvador e moradores da Bahia. No entanto, ao repensar a nossa tradição artística, não podemos deixar de considerar que para essa intercomunidade, esse clima que serviu de estímulo e estrutura a uma proposta cultural, devem ter contribuído paralelamente os acontecimentos políticos e as contingências sociais que influenciaram decisivamente na formação cultural do país, a exemplo do neoclassicismo europeu já existente no Brasil nas construções de Grão Pará ou a Lei Régia que, ampliando o intercâmbio com o estrangeiro, proporcionava as visitas de cientistas, intelectuais e artistas profissionais, favorecendo, mais tarde, através desta interação entre estes fatores e o meio, para que se desse no ano de 1877 sentido à concretização dessa proposta cultural, a Academia de Belas Artes da Bahia.

Seus idealizadores: o artista espanhol e professor da Escola Superior de Pintura, Escultura e Gravura de Madrid, Miguel Navarro Y Canizares, com estudos em Roma e Prêmio de Viagem, juntamente com o artista baiano João Francisco Lopes Rodrigues, o engenheiro-arquiteto José Allioni, o jornalista e redator do "Jornal de Notícias" Amaro Lelis Piedade, contando também com a orientação do Presidente da Província Conselheiro Henrique Pereira de Lucena, Barão de Lucena, e a participação de outros homens de letras e artistas não citados aqui, todos em defesa de uma mesma causa e que agora se apresenta como possibilidade concreta, para um empreendimento complexo mas não impossível.

Levavam consigo aquele espírito construtivo que não sucumbiu com o tempo, apesar das faltas de verbas, as más condições de trabalho, o descaso com relação ao ensino e a prática de atividade artística não científica, não tecnológica, determinação que lhes valeu, em 1946, o reconhecimento do trabalho desenvolvido por estes mestres e a inclusão da Academia de Belas Artes a fazer parte do Projeto Fundação das Universidades Estaduais através do eminente patricio Dr. Ernesto de Souza Campos, quando realizava o programa do então Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra.

Segundo Estabelecimento de Ensino Superior fundado na Bahia e segunda Escola de Belas Artes fundada no Brasil, a Academia de Belas Artes da Bahia, teve seu nome mudado em 1891 para Escola de Belas Artes, e com o decreto de 4 de março de 1949 baixado pelo Governador Otávio Mangabeira, a sua regularização através da doação da Sede da Instituição marcando assim a sua incorporação à Universidade da Bahia, muito contribuindo para o êxito desse empreendimento o Magnífico Reitor da Universidade da Bahia, Prof. Edgard Santos, o Magnífico Reitor da Universidade Nacional Prof. Pedro Calmon, assim como deputados, senadores, membros do Conselho de Ensino e Professores Isaias Alves e Cesário de Andrade.

A marcante presença de intelectuais e artistas entre outros,

insere-se no quadro da cultura, oscilante ainda para um ambiente sem treinos no campo de arte mas que operando pouco a pouco a estrutura nacional, se consolidam nas Escolas de Belas Artes nascidas de uma experiência estética transplantada, no entanto representando na época, acontecimento de extraordinária importância na vida cultural brasileira. Pela Escola de Belas Artes da Bahia passaram artistas como o pintor russo Maurício Grün, contratado em Paris para lecionar o curso Superior de Pintura, precisamente, para o Curso de Atelier de Modelo Vivo, os Professores de Escultura Gabriel Sentis, artista francês (hors concours) e o artista italiano Paschoal del Chirico chegado em 1907, autor de inúmeros monumentos existentes aqui, como o de Rio Branco, Castro Alves, Conde dos Arcos, Visconde de Cairu, para citar alguns.

Por essa época foi criado o Prêmio Caminhoá em virtude de um legado de 120 apólices deixado pelo engenheiro baiano Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá. Estava assim instituído o Prêmio de Viagem à Europa, sob o título de "prêmio Caminhoá" dele fazendo jus os artistas hoje consagrados e já naquele tempo, forças vivas atuantes, Carlos Sepúlveda, Mendonça Filho, Diógenes Rebouças, Ismael Barros, Adolf Buck, Emídio Magalhães, Raimundo Aguiar e Newton Silva, por exemplo.

Não poderia deixar de citar aqui também as Medalhas, prêmios da Academia de Belas Artes pertencentes atualmente a poucos colecionadores, em que obtiveram prêmios, artistas do porte de um Presciliano Izidoro da Silva, principal aluno de Lopes Rodrigues, detentor da medalha de ouro no Curso de Modelo Vivo de Escultura, e em fins de 1897 ou 1898, do prêmio máximo no Curso de Desenho, tornando-se necessário acrescentar que todos esses caminhos da Instituição Acadêmica tinham uma certa conotação, era como participar de todo um processo de transfiguração.

Com as idéias difundidas pelos fundadores da Academia de Belas Artes e seus continuadores, não obstante o impacto causado pela Semana de 22 em São Paulo e na Bahia, o 1º confronto moderno-acadêmico do baiano de Nazaré das Farinhas, José Gonçalves Guimarães em 1932, que encontrou na época oposição dos mais representativos artistas desta Instituição, vamos ter a implantação de um Academismo fortemente enraizado e que contava através do prestígio destes mestres acadêmicos, com o apoio de toda sociedade, situação mudada em parte pelo conceituado colorista e iluminista Manuel Ignácio de Mendonça Filho ao lado também de outros artistas que tentavam dar os primeiros passos para uma visão transformadora, abrir caminho ao movimento modernista. A partir de novembro de 1936 um grupo funda o chamado Salões de Ala, que irá se prolongar até 1949, com sede na Escola de Belas Artes e contando com a participação, entre outros nomes, com o de Carlos Chiachio, Presciliano Izidoro da Silva, Manuel Ignácio de

Mendonça Filho e Helio Simões. Estes Salões de Ala marcaram presença na Bahia, concentrando grande parte dos artistas já firmados artisticamente, nomes como o de Alberto Valença, Emídio Magalhães, Raimundo Aguiar, Otávio Torres, Carlos Sepúlveda, Ismael Barros, Adolf Augusto Buck, Manuel Paraguassu, Jayme Hora e novos valores nas atuações de Maria Célia Amado, Carl Brussel e um Mário Cravo Jr., entre outros nomes que vão surgindo, todos dentro de uma mesma linha de trabalho, salvo algumas excessões. O caminho estava aberto, estavam lançadas as primeiras sementes que somente mais tarde irão produzir os seus frutos, embora a mudança seja quase imperceptível ainda.

Cabe-nos acrescentar, que o contato em 1944 com obras de Carlos Scliar, Santa Rosa, Flávio de Carvalho, Di Cavalcanti, Augusto Rodrigues, Djanira, Segall, Goeldi, Clóvis Graciano, e tantos outros nomes de igual importância, mostra organizada por Manoel Martins e realizada na Biblioteca Pública, vem somar-se a outras iniciativas na participação de artistas como, Genaro de Carvalho, Mário Cravo Jr., Carlos Bastos, além da adesão de alguns intelectuais, historiadores e estudiosos da arte/educação, entre estes, José Valadares, Wilson Rocha, Anísio Teixeira, Odorico Tavares, Carlos Eduardo da Rocha, preocupados em favorecer um clima que propiciasse a consolidação do movimento renovador nas artes plásticas baianas.

O mundo oficial encarregado das artes, se gerou alguns desvios, nos legou por certo uma Escola. O culto ao passado só torna-se uma atitude retrógrada quando além de tentar anular o tempo, não se consegue uma filtração, ou melhor, reelaborar criticamente numa situação nacional, o dado técnico e a informação universal, e isto é válido também para o presente.

E como uma sociedade é um sistema vivo em contínua transformação, as correntes conservadoras viam-se frente a um dado básico novo, a mudança, não somente no campo das artes mas proveniente das transformações da sociedade brasileira, algo que começava a mudar no país e no mundo, o que não quer dizer que não se preservasse a produção das forças conservadoras. Era o reconhecimento oficial do movimento baiano através da Criação do Salão Baiano de Belas Artes que substitue agora os Salões de Ala, criado pelo Secretário de Educação e Cultura, Anísio Teixeira, do Governo de Otávio Mangabeira e que segue até o ano de 1956 contendo duas seções, uma de caráter acadêmico e outro moderno embora com júri e prêmios independentes. Salão este que mais tarde irá ceder lugar a I Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia em dezembro de 1966 acontecimento que era a consequência da grande efervescência cultural vivida na época, motivo suficiente para nossos artistas que já haviam conquistado uma posição definida no meio artístico, ao lado também de outros artistas já conceituados na época, os

recém-diplomados da Escola de Belas Artes, irmanados e completamente integrados a estas forças renovadoras, concentrassem nela as suas esperanças, a síntese do norte e do sul, do rural e urbano, e a conquista de um espaço para que se desse sentido às suas proposições. Trajetória esta interrompida no decorrer da II Bienal de Artes Plásticas nos difíceis e agitados anos 60 nos quais, mais do que o anseio de integração das artes no espaço urbano, os artistas viveram toda ambiguidade de sua situação política e histórica, o que veio repercutir sobre toda a vida do país deixando também sem uma possibilidade maior de perspectiva, a busca da autonomia da arte para um Estado isolado do ponto de vista cultural, o que resultou numa atitude em que o artista se fechou sobre si mesmo carente que estava ao mesmo tempo, de um instrumento para reflexões de quem luta por um conceito de arte não ligado apenas à percepção sensorial.

Malgrado a Arte depois destes acontecimentos tenha apenas se refugiado na Escola de Belas Artes ou em Instituições como o ICBA e se transformado em raros e tímidos eventos artísticos e até mesmo se tornado um "sistema" com seus equívocos, funcionando tal e qual os maneirismos acadêmicos, dessa experiência restou-nos algo, o poder de decisão sobre os nossos caminhos com todos os erros e acertos a que temos direito na busca de nossa própria identidade.

A ninguém passará despercebido que concorreram para a não existência de formalismo de posições, em que pese as diluições resultantes dos fenômenos da arte contemporânea sobre nós, para essa consciência da necessidade de uma visão transformadora, uma situação rica de experiências que vem desde a atuação moderna do arquiteto Diógenes Rebouças, de uma Maria Célia Amado com seu curso de Desenho, a chegada e permanência de alguns artistas como Goeldi, Marcelo Grassmann, Marina Karan em 40, Henrique Oswald e Hansen Bahia em 58, que com sua técnica vai influir na nova geração de gravadores, além da atuação de Jacyra Oswald e de artistas como João José Rescala e Lenio Braga, que a partir dos anos 52 e 56, se incorporam definitivamente ao cenário artístico baiano, vamos ter o espírito inovador e inquietante do artista plástico Juarez Paraiso e do escultor Mário Cravo Jr., ativos participantes do movimento de renovação das artes plásticas baianas. Mario Cravo Jr., um dos suportes de expressão maior do modernismo baiano, com sua intervenção neste ambiente artístico vai contribuir no aceleração da rutura dos padrões culturalmente retardatários ainda vigentes e lado a lado do posicionamento de um Juarez Paraiso, vão por certo influenciar na formação de uma 2ª. geração de artistas, contrários às raízes regionais e folclóricas até então anteriormente assumidas e então em pleno processo, propiciando o surgimento de expressões as mais diversas na década de 60

como, Emanceol Araújo, Gleil Cabral de Melo, Yeda Maria, Sonia Castro, Zelia Maria, Carlos Augusto Bandeira, Jamison Pedra, Ana Pinto, Edísio Coelho, Edson Luz, Sante Scaldaferrri, Riolan Coutinho, Mercedes Kruschewski, Antonieta Gedeon, Leonardo Alencar, Renato Silveira, Angelo Roberto de Andrade, José Maria de Souza, Hilda Oliveira, Cunha, Hélio Oliveira, para citar alguns, todos formados na Escola de Belas Artes da Bahia e integrados em movimentos artísticos, alguns deles com vínculo ainda na nossa Escola.

Na sucessivas gerações de artistas que por aqui passaram sejam eles acadêmicos ou modernos, mesmo porque toda cultura é fundamentada numa "plataforma de referência", apesar da imensa diversificação de correntes artísticas, o que conta é o espírito construtivo, o patrimônio de alto valor material e espiritual, sem a pressão de cobranças de posições artísticas, culturais e político-ideológicas. Hoje a Escola de Belas Artes da Bahia como todas as Universidades enfrenta também dias difíceis mas temos com a qualificação do corpo docente, com aperfeiçoamento no exterior através de Mestrado, os novos cursos de Especialização nos dias atuais e a necessidade da Universidade de permanecer atenta às pesquisas sobre as produções e divulgações, os indicadores da conscientização desses problemas, da reformulação de uma ótica pedagógica e um testemunho das primeiras iniciativas entre outras para uma situação contrária a esta.

No entanto, nessa corrida pela Pós-Graduação, um impasse que ainda não foi resolvido: a área das Artes. A inadequação das práticas da Pós-Graduação em Ciências Básicas para a área das Artes, as formas de aferir competência, a indagação sobre a validade do currículo profissional ou a busca pela titulação pós-graduada, refletem a necessidade urgente de uma revisão dos critérios adotados.

Há pouco tempo, as esperanças e as expectativas de toda a comunidade universitária estavam concentradas na criação do Centro de Artes da Universidade Federal da Bahia que visava centralizar numa mesma estrutura as atividades de ensino, pesquisa e extensão, das áreas de música, teatro, dança e artes plásticas. E com ele, a possibilidade de implantação de novos cursos como o Curso Superior de Fotografia, Curso de Desenho Industrial, Curso de Arte Decorativa e Programação Visual, o que traria a ampliação do Mercado de Trabalho.

Idéia presente desde o final da década de 50, este projeto elaborado pelo arquiteto Diógenes Rebouças quando Reitor da Universidade Prof. Edgard Santos, compromisso assumido hoje pelo então Reitor da Universidade Federal da Bahia, Luís Fernando Macêdo Costa, este projeto teve sua consecução não realizada no momento presente, cuja questão de definição de um conjunto de

princípios capazes de delinear a fisionomia do novo Centro de Artes, para os meios artísticos, é tão importante quanto a sua viabilização.

A Escola de Belas Artes entra nos anos 80, consciente da necessidade e urgência de tentar organizar os aspectos de infra-estrutura no tão complexo campo da arte. Embora acordos sejam feitos com algumas indústrias, um convênio há muito esperado e desejado por todos nós, e a contribuição efetiva que representa as Oficinas de Arte para o meio artístico, convênio feito com o Museu de Arte Moderna, além dos cursos de Especialização comecem a ser implantados com mais frequência, trazendo no entanto, ainda consigo, problemas não resolvidos gerados, entre outros fatores, pela falta de verbas, a partir de agosto de 82, outras iniciativas vêm somar-se a estas, a realização do I Seminário sobre o Ensino na Escola de Belas Artes, com o objetivo de planejar alternativas de continuidade de um processo permanente no que se refere à reciclagem do corpo docente e à dinamização de cursos na EBA, assim como à reformulação do curso de Licenciatura em Desenho e Plástica e o questionamento da situação atual das propostas de criação de novos cursos, o que significa que há de se pensar e lutar por um diálogo maior entre Poder Constituído e a Comunidade Cultural, construindo seu "espaço de resistência" ante o simples e irrisório enquadramento das classificações estéticas.

Quanto à Pesquisa, dentro de um contexto geral, se fizermos uma análise do seu desenvolvimento histórico em nossa sociedade, veremos que essa atividade permanece à margem das necessidades vitais da sociedade, isolada no que se refere ao sistema produtivo e carente ainda tanto em relação aos subsídios para o apoio à pesquisa e ao ensino científico, como também ao estabelecimento de metas para esta atividade, entre outros fatores, de uma informação maior quanto ao critério da alocação de recursos em relação a análise benefício/custo ao se proceder as decisões orçamentárias.

Com uma participação menor no processo global em relação ao centro-sul mais vitalizado com a contribuição de tecnologia e capital proveniente de recursos concedidos baseados no possível "retorno" deste investimento, parece não haver dúvidas que o nordeste, particularmente a Bahia, continue a perder prioridade como espaço a desenvolver. Bem verdade que tivemos, em setembro de 81, o Seminário sobre "Fomento e Administração de Pesquisas na Universidade" e como desdobramento deste, neste ano de 82, o "Seminário/Pesquisa no Nordeste", dando-nos um quadro informativo das suas realizações e de seus problemas, com as solicitações de aprofundarmos mais a questão. Temos conhecimento do favorecimento do desenvolvimento de projetos no contexto das atividades prioritárias em detrimento, especificamente da área das artes, "em que objetivos científicos específicos freqüentemente determinam as prioridades", sendo assim, torna-se difícil para nós apresentarmos

um esquema diferente do que se consolidou.

Do diagnóstico realizado mais intensamente nestes últimos anos para que tivéssemos uma expressão qualitativa e quantitativa, seus valores, suas carências, que permitirá uma estratégia e caminhos a seguir, urge agora, delinear-mos o perfil da nossa Escola de Belas Artes, e trabalharmos para que uma nova política seja implantada para as Artes, e este reconhecimento será a mola propulsora que irá proporcionar as bases para as mudanças mais positivas, consequência das presentes e próximas avaliações no processo artístico.

Na conquista deste espaço para uma ação transformadora na ótica das teorias reprodutivistas da educação, poderão sair através da permuta de experiências educativo-culturais, do repensar o processo dialético das relações Arte, Educação e Comunidade, diretrizes que irão influir nas suas decisões futuras e garantir por certo a sua presença à frente dos meios de produção de arte como propositora de situações, o ensino como processo.

É o começo de uma conscientização e reflexão sobre a sua presença e capacidade de dinamização dentro de um processo artístico em direção a um novo tempo; hoje ela pressente que deve incorporar-se à vida situando o homem no contexto futuro para que sua identidade com o mundo contemporâneo não permaneça esvaziada. De certo modo, um dado deve ser levado em consideração, que é preciso buscar um denominador comum entre novidade efêmera e resíduos culturais, dando um certo sentido de organização a tão complexa estética nacional.

## SUMMARY

This text discusses the conditions that in 1877 favored the realization of a cultural proposition, namely, the foundation of the School of Fine Arts of Bahia, which, for the whole community, stood for the aspiration of building a university in the administrative seat of the Colony, with its origin in the collective efforts of the desire of order and construction, such as they appeared in the claims of the Jesuits, as well as in the pretensions of the Board of Aldermen of Salvador and of the inhabitants of Bahia in general. Concurrently, there was the contribution of the political events and the social contingencies of the day.

It also relates the incessant struggle of those who planned the School and their followers in defense of their ideals, the serious financial and structural difficulties they had to face, and the out-standing presence of the intellectuals and artists who attended it, whether academicians or modernists, with their expectations, hopes, and frustrations.

After the diagnosis intensely made these last years with a view to a qualitative and quantitative expression of the School, with its values and wants, such as will allow us to establish a strategic policy and ways to follow,

it is now imperative that we delineate the profile of the School of Fine Arts and work towards implanting a new policy for the Arts. Such recognition is to function as a propelling spring for the establishment of the bases for the most positive changes—as a consequence of present and future judgements in the artistic process.

In conquering such a space for a transforming action within the optics of the reproductivist theories of education, through the exchange of educational-cultural experiences and thereformulation of the dialectical process of the relationships of Art, Education, and Community, the School may emerge with guiding principles which will assure its presence ahead of the means of production of art and as an active proposer of new situations, such as teaching as a process.

In a certain way, one definite point must be taken into consideration: a common denominator must be sought between ephemeral novelty and cultural residues, thereby affording a certain sense of organization to such complex national aesthetics.

## RÉSUMÉ

Le texte traite des conditions qui ont permis, au cours de l'année 1877, la fondation de l'École des Beaux Arts de Bahia. Répondant au désir de toute une communauté de construire dans la capitale administrative de la Colonie une Université qui serait le fruit de l'effort collectif, du besoin d'ordre et de construction formulé par les Jésuites, mais aussi des prétentions du Conseil Municipal de Salvador et des habitants de Bahia, cette fondation a bénéficié des événements politiques et des contingences sociales.

Il retrace la lutte incessante en faveur des idéaux de ceux qui l'ont projeté et de leurs successeurs et présente les difficultés financières et structurales, la présence marquante d'intellectuels et d'artistes qui l'ont fréquentée, ainsi que leurs espérances et leurs déceptions.

Au cours de ces dernières années on a exprimé de manière qualitative et quantitative ses valeurs et ses carences, ce qui devrait permettre l'élaboration d'une stratégie. Il est absolument indispensable maintenant de tracer le profil de l'École des Beaux Arts et de travailler à l'implantation d'une nouvelle politique concernant les Arts.

Dans la conquête de cet espace pour une action qui puisse transformer l'optique des théories reproductives en éducation, pourront surgir, à travers l'échange d'expériences éducatives et culturelles, à travers le fait de repenser le processus dialectique des relations entre l'Art, l'Éducation et la Communauté, des lignes de conduite qui garantiront certainement sa présence à la tête des moyens de productions d'art.

D'une certaine manière un fait doit être pris en considération, à savoir qu'il est nécessaire de rechercher un dénominateur commun entre la nouveauté éphémère et les résidus culturels, capable de donner une certaine organisation à l'esthétique nationale si complexe.